

Chico Buarque Chapeuzinho Amarelo



MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO

FNDE

PNBE
2005

VENDA
PROIBIDA

ILUSTRAÇÕES DE

Dináro

JOSÉ OLÍMPIO
EDITORIA

Prezado(a) Leitor(a),

Este livro é de uso coletivo. Como, além de você, muitos leitores terão acesso a ele, certos cuidados ao utilizá-lo são muito importantes:

- manuseie-o com as mãos limpas.
- evite comer ou beber enquanto estiver lendo.
- procure mantê-lo bem conservado, sem rabiscos, dobras e sem recortes.
- ao concluir a leitura, devolva-o para a biblioteca.

Contamos com sua colaboração.

Boa leitura.

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
MARIA ANGELINA MAGGI
BIBLIOTECA RUI BARBOSA

Chico Buarque



Chapeuzinho Amarelo

17ª edição

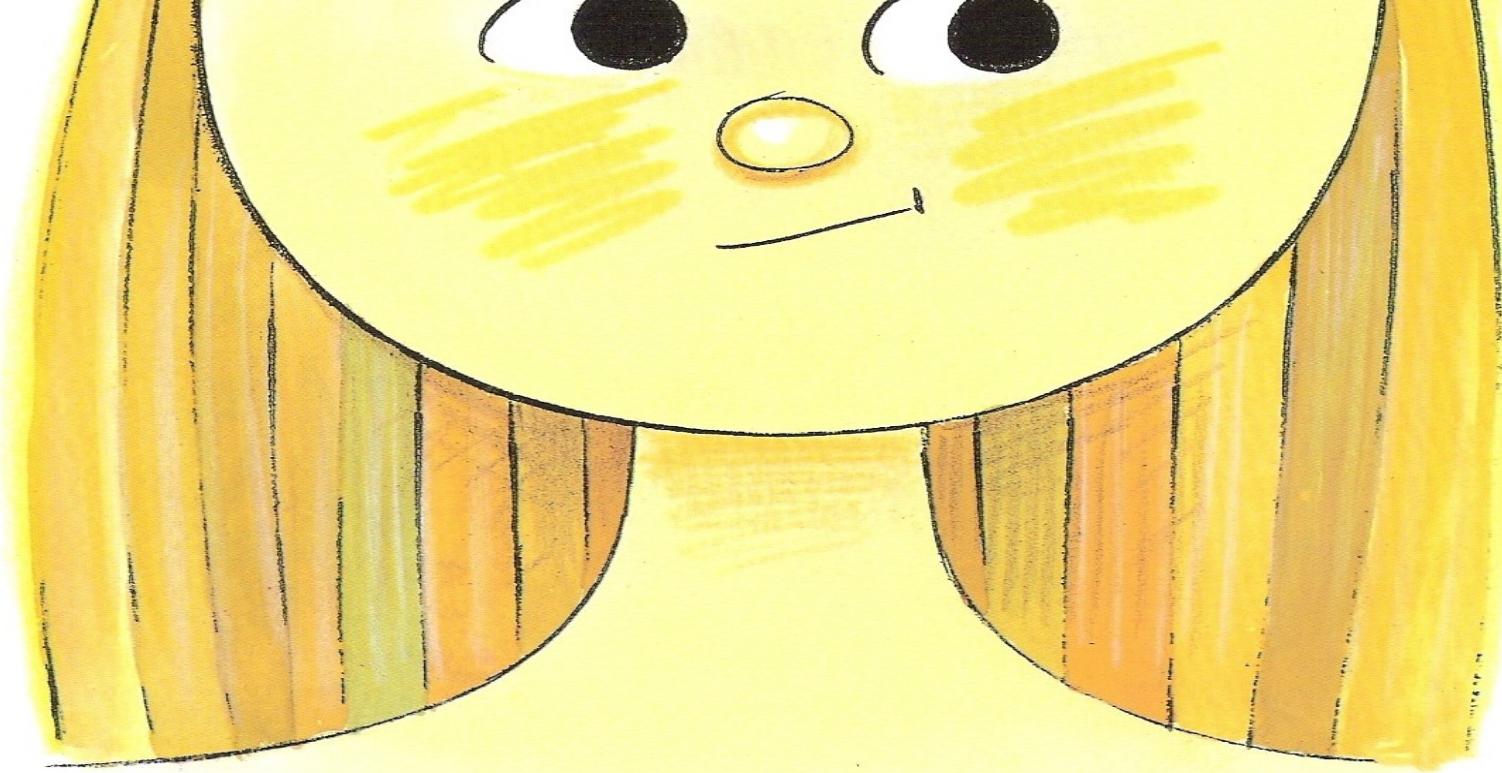
ILUSTRAÇÕES DE

Ziraldo

Altamente Recomendável
para Crianças, FNLIJ, 1979
Prêmio Jabuti de Ilustração, CBL, 1998

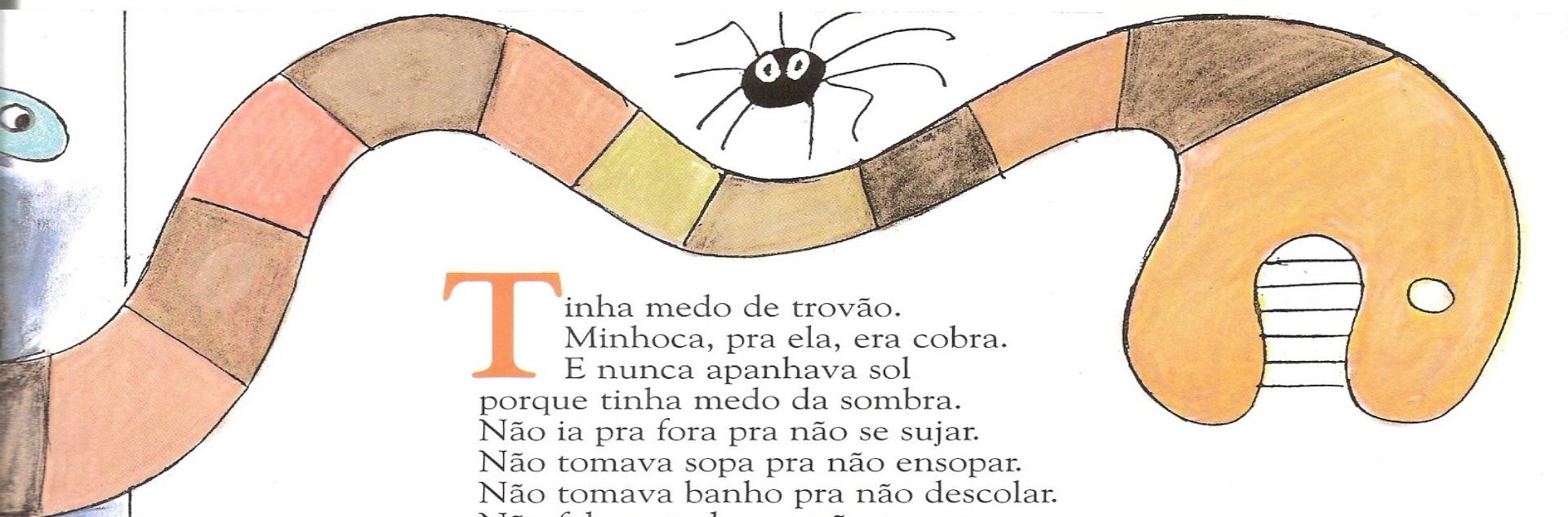
JOSÉ OLIMPIO
EDITORA

Rio de Janeiro, 2006



Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo,
aquela Chapeuzinho.
Já não ria.
Em festa, não aparecia.
Não subia escada
nem descia.
Não estava resfriada
mas tossia.
Ouvia conto de fada
e estremecia.
Não brincava mais de nada,
nem de amarelinha.





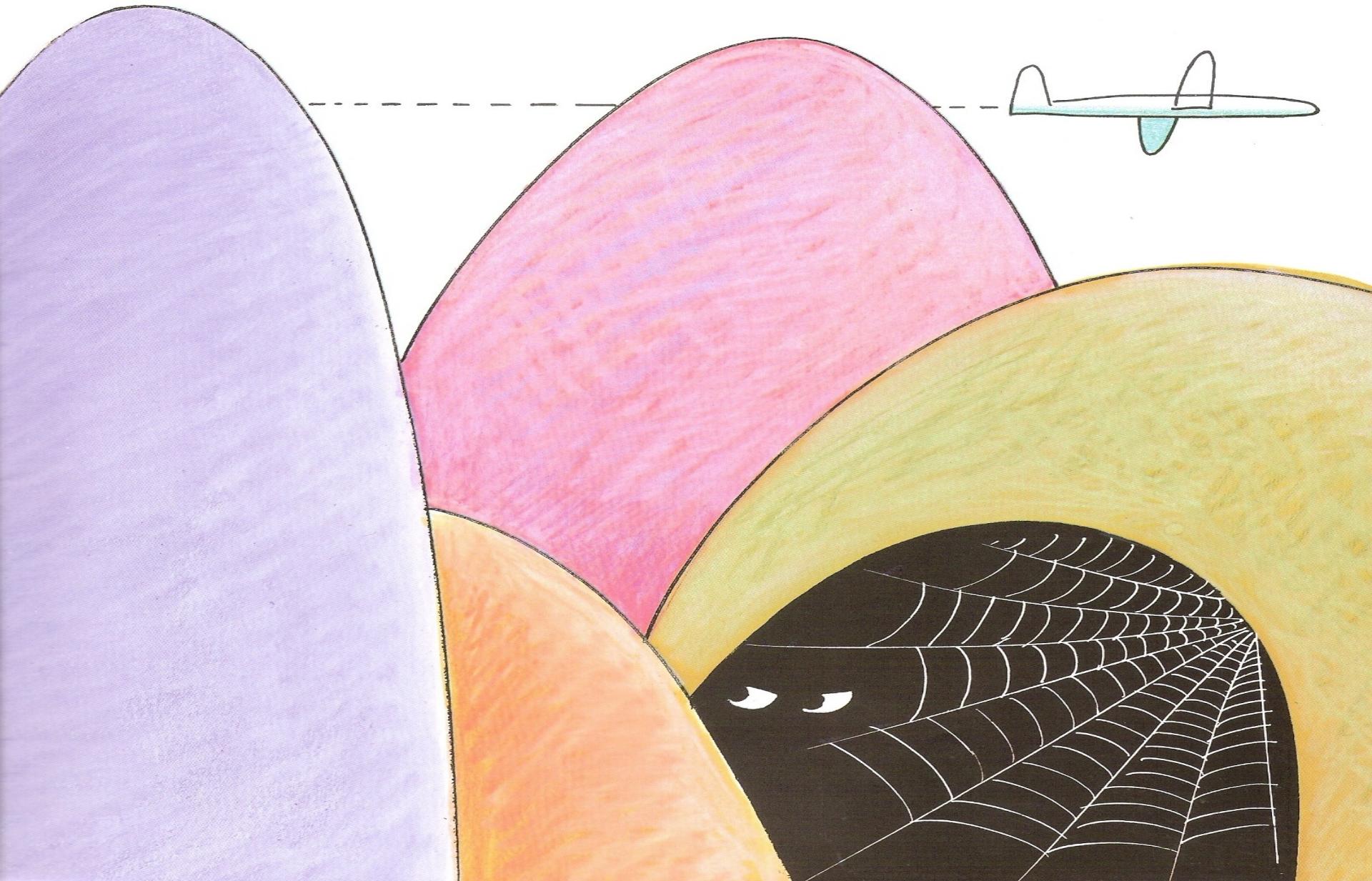
Tinha medo de trovão.
Minhoca, pra ela, era cobra.
E nunca apanhava sol
porque tinha medo da sombra.
Não ia pra fora pra não se sujar.
Não tomava sopa pra não ensopar.
Não tomava banho pra não descolar.
Não falava nada pra não engasgar.
Não ficava em pé com medo de cair.
Então vivia parada,
deitada, mas sem dormir,
com medo de pesadelo.

Era a Chapeuzinho Amarelo.



E de todos os medos que tinha
o medo mais que medonho
era o medo do tal do LOBO.
Um LOBO que nunca se via,
que morava lá pra longe,
do outro lado da montanha,
num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha,
numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do LOBO
nem existia.



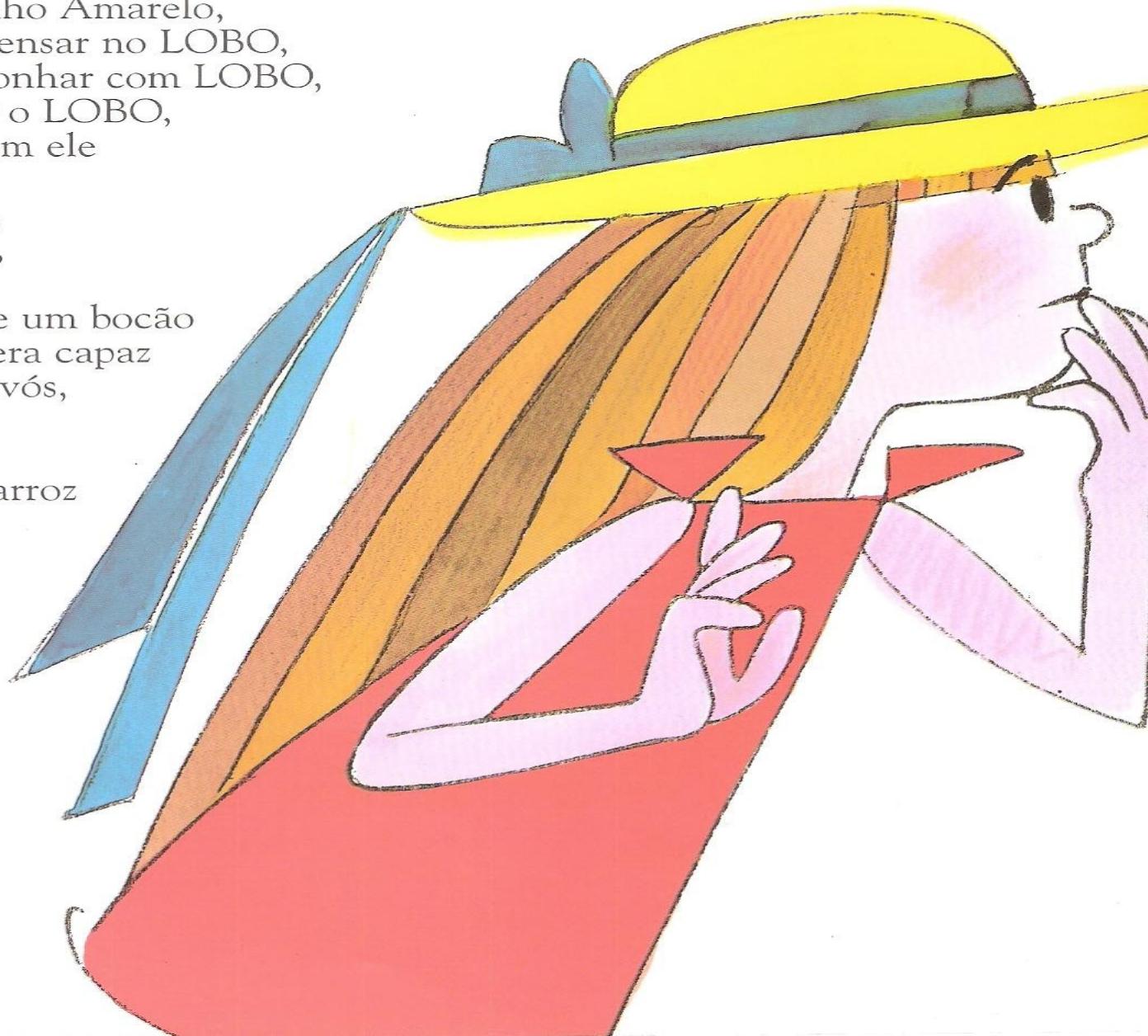


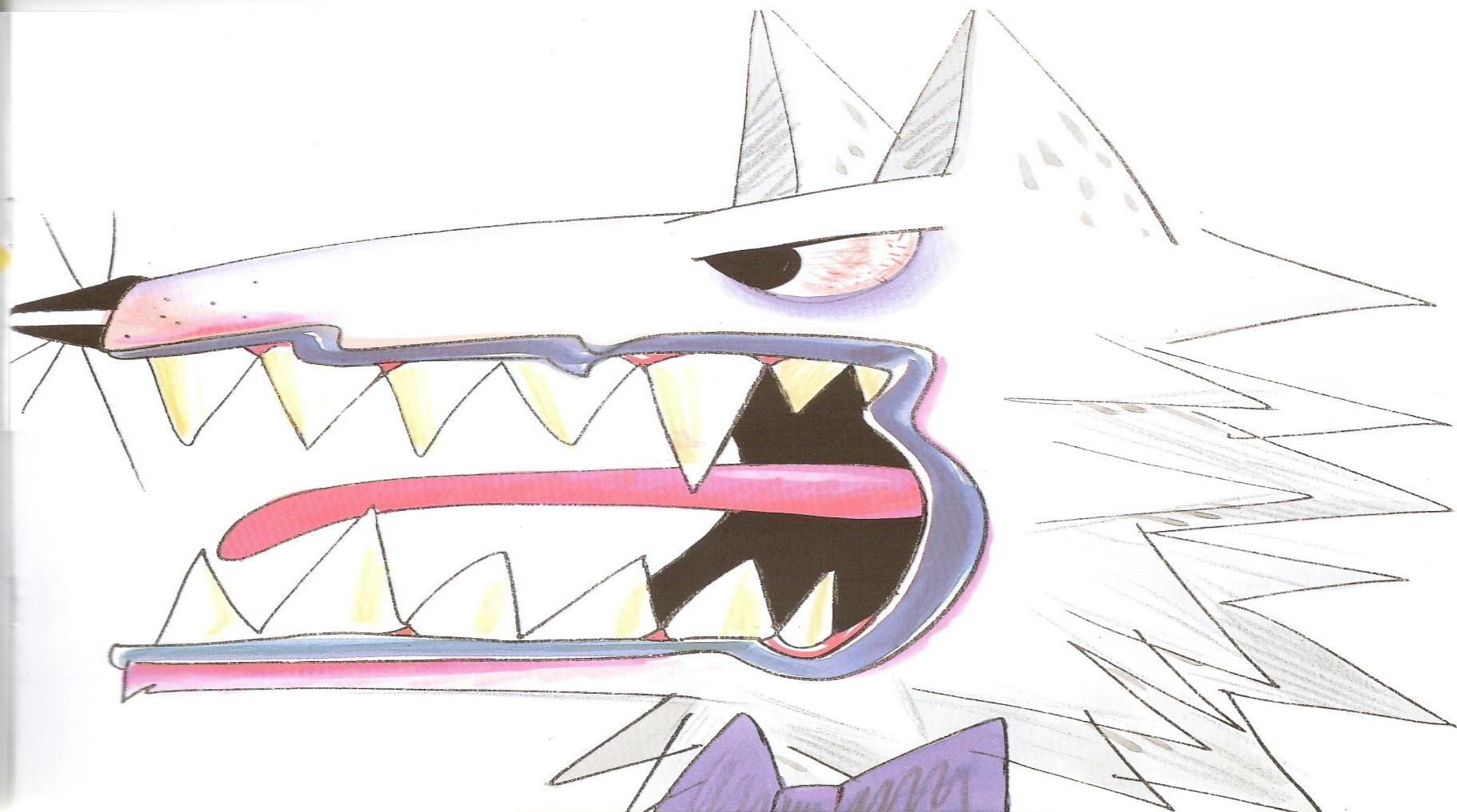


Mesmo assim a Chapeuzinho tinha cada vez mais medo do medo do medo do medo de um dia encontrar um LOBO. Um LOBO que não existia.



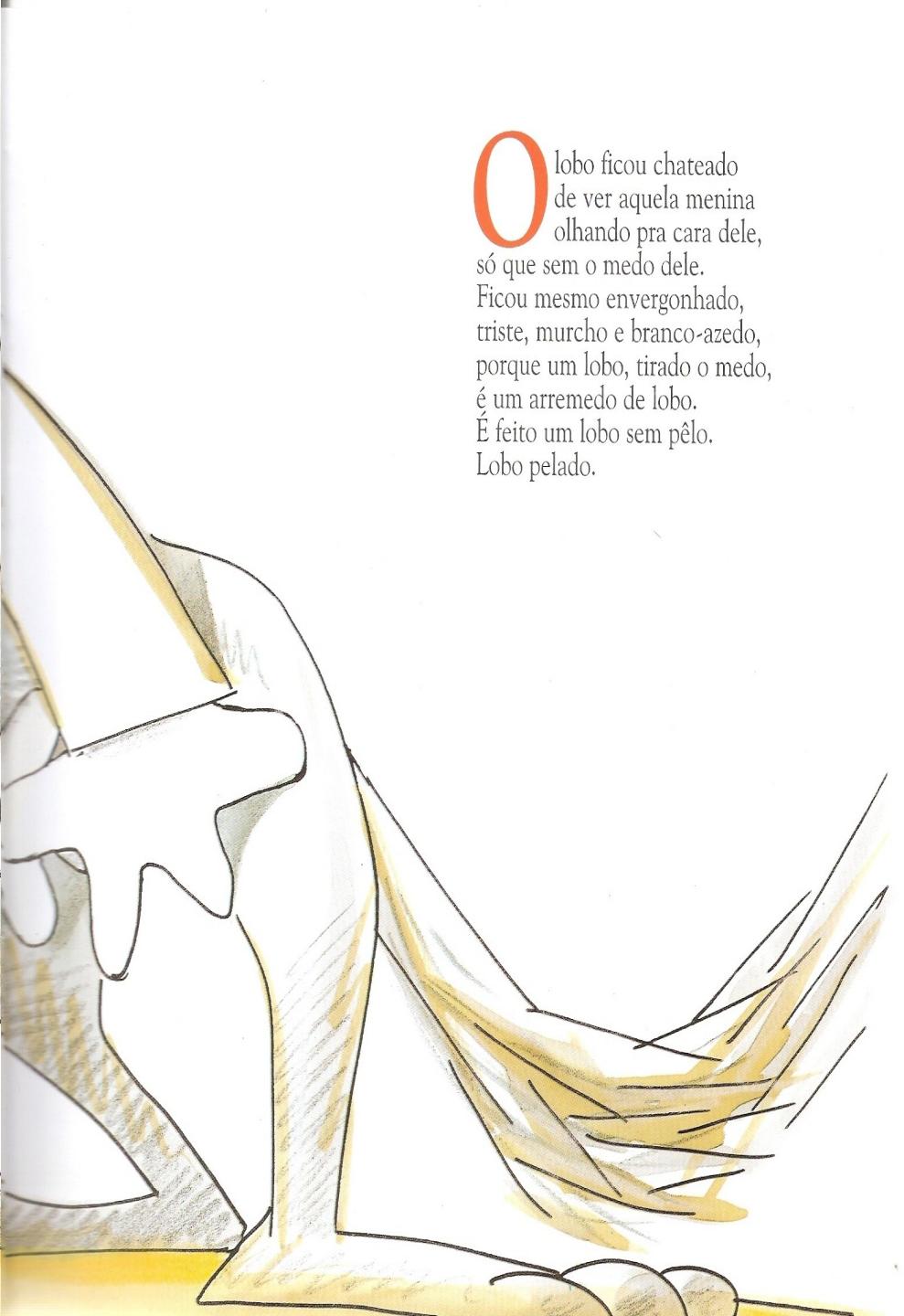
E Chapeuzinho Amarelo,
de tanto pensar no LOBO,
de tanto sonhar com LOBO,
de tanto esperar o LOBO,
um dia topou com ele
que era assim:
carão de LOBO,
olhão de LOBO,
jeitão de LOBO
e principalmente um bocão
tão grande que era capaz
de comer duas avós,
um caçador,
rei, princesa,
sete panelas de arroz
e um chapéu
de sobremesa.





Mas o engraçado é que,
assim que encontrou o LOBO,
a Chapeuzinho Amarelo
foi perdendo aquele medo,
o medo do medo do medo
de um dia encontrar um LOBO.
Foi passando aquele medo
do medo que tinha do LOBO.
Foi ficando só com um pouco
de medo daquele lobo.
Depois acabou o medo
e ela ficou só com o lobo.





O lobo ficou chateado
de ver aquela menina
olhando pra cara dele,
só que sem o medo dele.
Ficou mesmo envergonhado,
triste, murcho e branco-azedo,
porque um lobo, tirado o medo,
é um arremedo de lobo.
É feito um lobo sem pêlo.
Lobo pelado.

O lobo ficou chateado.

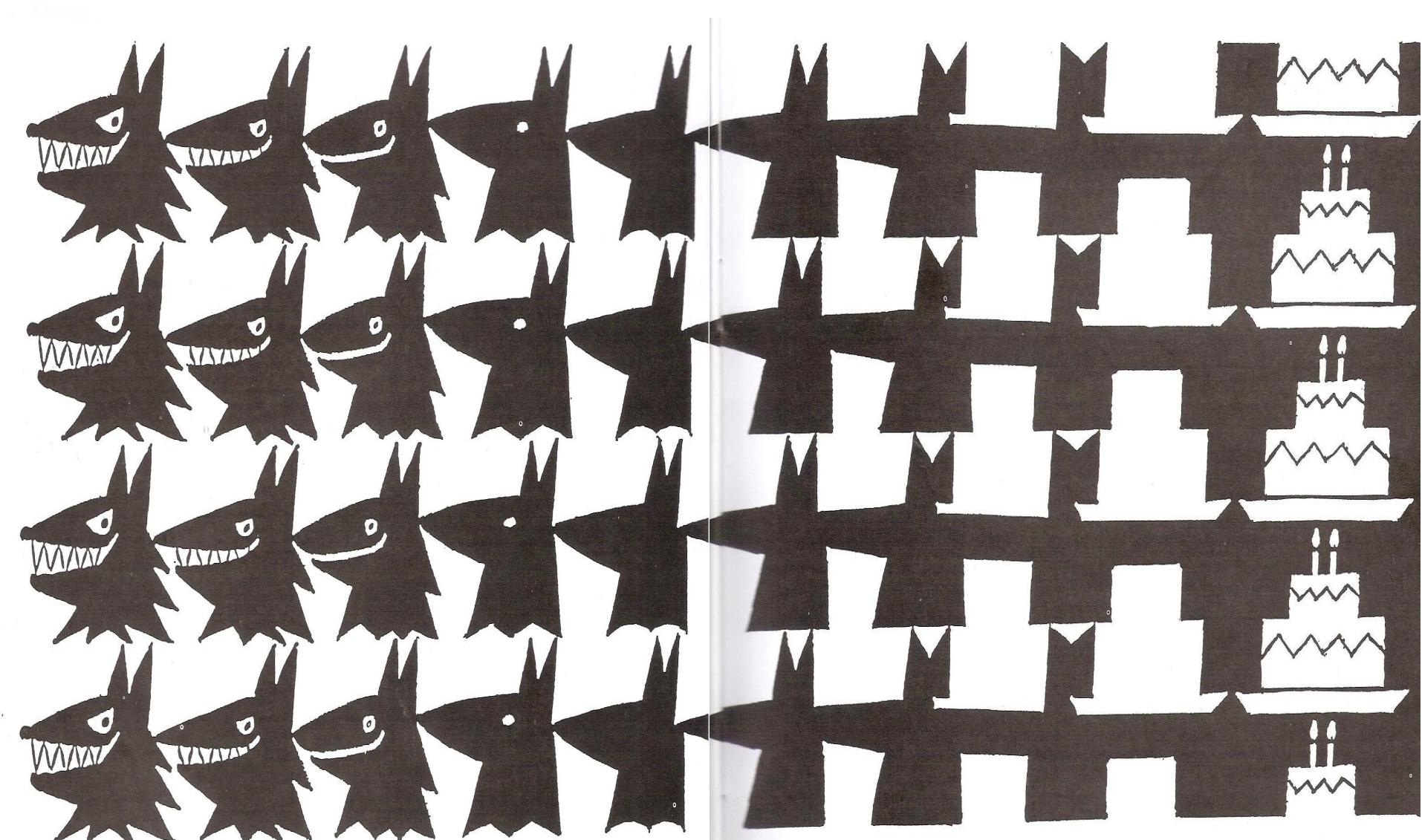




EU
SOU
UM
LO
BO!

Ele gritou: sou um LOBO!
Mas a Chapeuzinho, nada.
E ele gritou: sou um LOBO!
Chapeuzinho deu risada.
E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!
Chapeuzinho, já meio enjoada,
com vontade de brincar
de outra coisa.
Ele então gritou bem forte
aquele seu nome de LOBO
umas vinte e cinco vezes,
que era pro medo ir voltando
e a menininha saber
com quem não estava falando:





LO BO LO

Aí,

Chapeuzinho encheu e disse:
“Pára assim! Agora! Já!
Do jeito que você tá!”
E o lobo parado assim
do jeito que o lobo estava
já não era mais um LO-BO.
Era um BO-LO.
Um bolo de lobo fofo,
tremendo que nem pudim,
com medo da Chapeuzim.
Com medo de ser comido
com vela e tudo, inteirim.

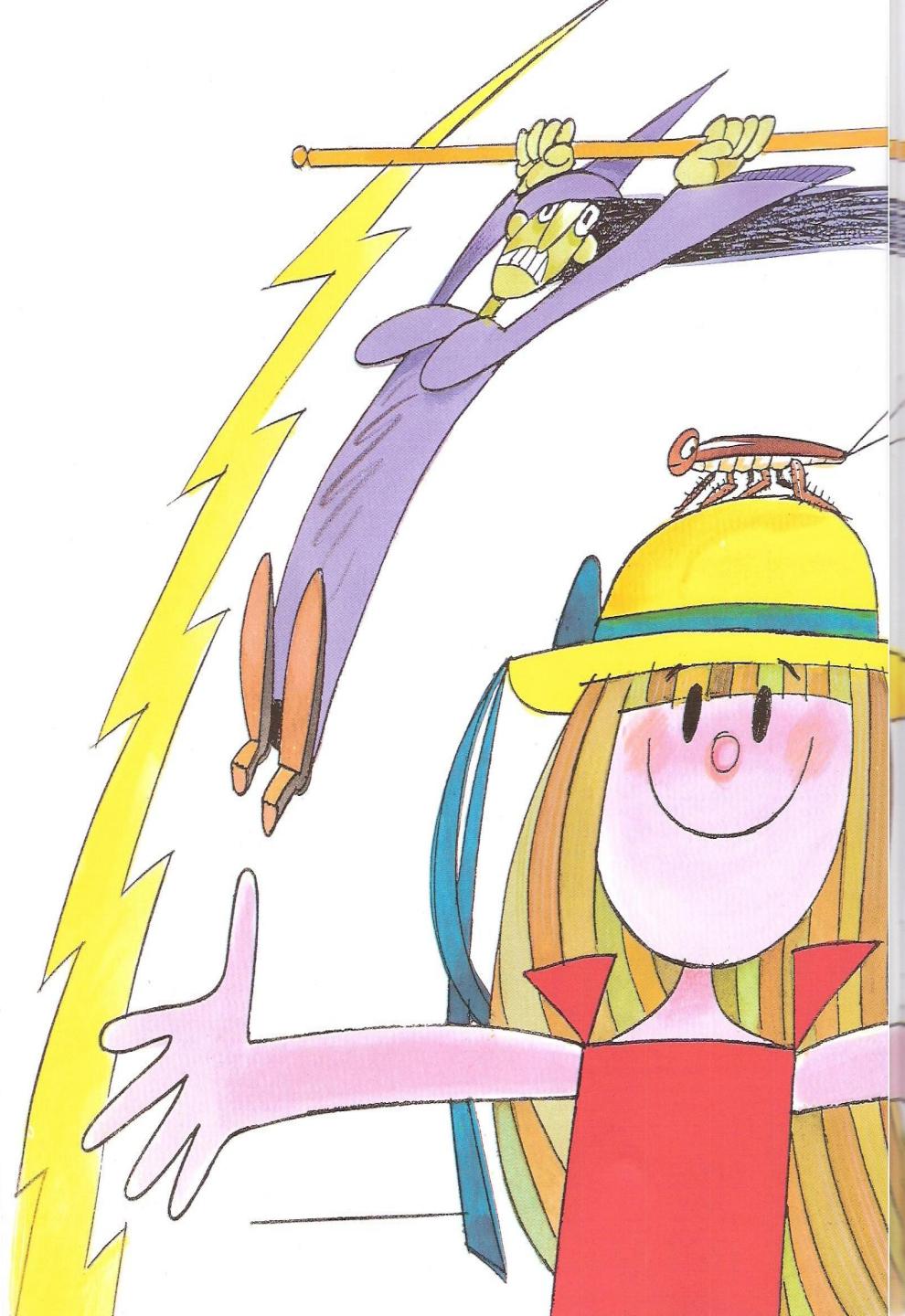
LOBOLOBO



Chapeuzinho não comeu aquele bolo de lobo, porque sempre preferiu de chocolate. Aliás, ela agora come de tudo, menos sola de sapato. Não tem mais medo de chuva nem foge de carapato.

Cai, levanta, se machuca, vai à praia, entra no mato, trepa em árvore, rouba fruta, depois joga amarelinha com o primo da vizinha, com a filha do jornaleiro, com a sobrinha da madrinha e o neto do sapateiro.



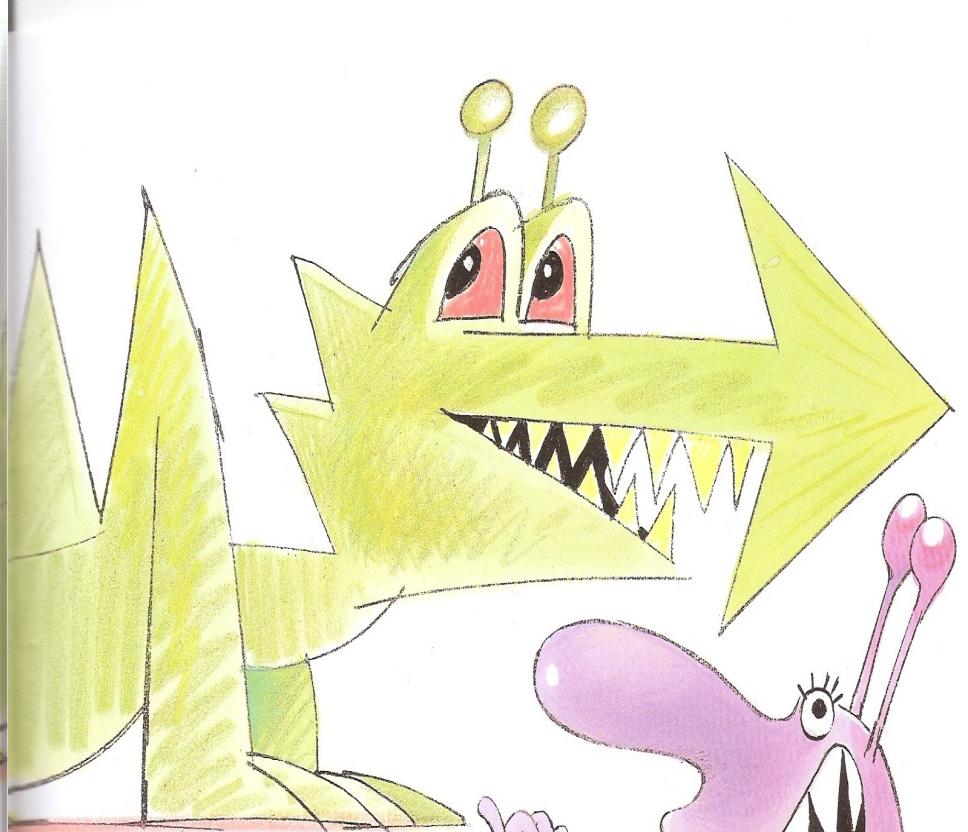
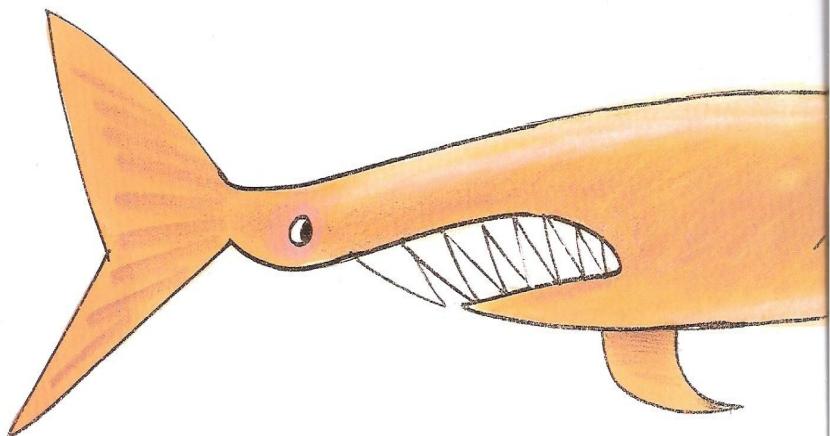


Mesmo quando
está sozinha,
inventa
uma brincadeira.
E transforma
em companheiro
cada medo que ela tinha:
o raio virou orrái,
barata é tabará,
a bruxa virou xabru
e o diabo é bodiá.

F I M



Ah, outros companheiros da Chapeuzinho Amarelo: o Gãodra,



Jacoru, o Barão-Tu, o Pão Bichôpa

e todos os trosmons.





CHICO BUARQUE, poeta, cantor, compositor, teatrólogo, ator e escritor. Filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda, Chico nasceu em 1944, no Rio de Janeiro, onde voltou a residir depois de viver em cidades como São Paulo e Roma (Itália).

A convite dos pais, sua casa sempre foi freqüentada por intelectuais e músicos. Em 1964 fez sua primeira canção - *Tem mais samba*. Em 1965, lançou seu primeiro disco. Um ano depois conquistou os brasileiros com *A banda* e, a partir daí, não parou mais. Além de obter sucesso cantando e compondo, Chico escreveu poemas, romances e peças de teatro, que foram encenadas e premiadas. Sua obra tem um grande reconhecimento nacional e internacional, pelo comprometimento político, amoroso, ético e filosófico.

Chapeuzinho amarelo recebeu o Altamente Recomendável pela FNLIJ.

ZIRALDO ALVES PINTO, mineiro de Caratinga, nascido em 1932, é um homem de múltiplas atividades: advogado, jornalista, desenhista de humor, escritor infantil, autor teatral e de cinema, empresário, confirmado o que disse em uma entrevista há muito tempo: "Eu quero é abraçar o mundo com as pernas". Foi um dos fundadores do jornal *O Pasquim*, que fez grande sucesso nos anos da repressão. Criador dos personagens de *Flicts; Jeremias, o bom; O Menino Maluquinho, O Mineirinho Comequieto* e tantos outros que fazem parte do nosso cotidiano.

Em 1998, Ziraldo conquistou o Prêmio Jabuti, de Melhor Ilustração Infantil.